

#cm  
**2**  
TERÇA-FEIRA



# O 'jingle bell' *de Almodóvar*

Sétimo longa-metragem do **artesão autoral espanhol** a disputar a **Palma de Ouro, 'Natal Amargo'**, que passa nesta terça (19) em Cannes e **estreia no Brasil no dia 28**, parte da metalinguagem para **celebrar a força do cinema**. Páginas 2 e 3

# 'Este é o filme em que eu fui... mais cruelmente... eu mesmo'



Pedro Almodóvar regressa à Croisette disposto a conquistar a Palma de Ouro, um prêmio que lhe falta

**RODRIGO FONSECA**

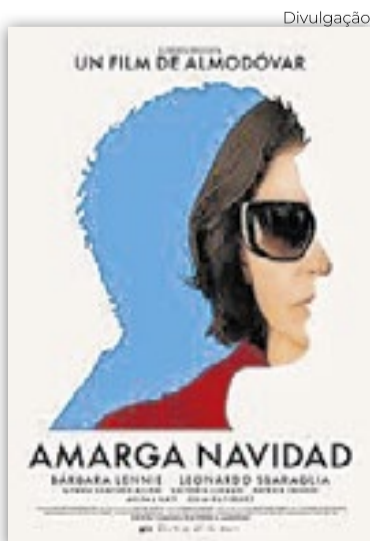
Especial para o Correio da Manhã

**E** Assim que anoitecer na França, nesta terça-feira de sol brando, com termômetros na casa dos 20 graus, Cannes vai subir de temperatura e também de pressão com "Natal Amargo" ("Amarga Navidad"), o novo longa-metragem de Pedro Almodóvar, que chega à competição oficial do Festival de Cannes ao fim do dia. Vai até lá cercado de expectativa crítica e fervor cinéfilo, a testar os limites do que o baiano Caetano Veloso, amigo e colaborador do cineasta, batizou como "almodrama". A mais recente incursãstreia no Brasil no próximo dia 28, com fome de público vasto.

Aos 76 anos — nasceu em 25 de setembro de 1949, em Calzada de Calatrava, na região de La Mancha —, o realizador ibérico regressa à Croisette disposto a conquistar a Palma de Ouro que ainda falta numa trajetória já transformada em patrimônio cultural do cinema contemporâneo. Desde que "Tudo Sobre Minha Mãe" lhe rendeu o prêmio de Melhor Direção em Cannes... antes de conquistar o Oscar de Filme Internacional, Almodóvar tornou-se presença permanente no imaginário do festival francês, espaço onde glamour, melodrama e reflexão estética convivem como extensão natural de seu cinema. Concorreu



O argentino Leonardo Sbaraglia e Quim Gutiérrez em 'Natal Amargo'



Poster de 'Natal Amargo'

lá seis vezes, passou um curta fora de concurso ("Estranha Forma de Vida", hoje na plataforma MUBI) e presidiu o júri em 2017.

"Este é o filme em que eu fui... mais cruelmente... eu mesmo", diz Almodóvar no reclame promocional de "Natal Amargo", que será lançado em algumas praças europeias com o título "Autoficção".

Estruturado sobre jogos de espelhos emocionais, na dinâmica especular duma metalinguagem em estado de combustão, "Natal Amargo" promete radicalizar ainda mais a investigação sentimental

que o diretor vem desenvolvendo desde a década de 1970. O filme acompanha duas histórias paralelas ambientadas entre Madri e as Ilhas Canárias. De um lado está Elsa, personagem interpretada por Bárbara Lennie ("As Linhas Tortas de Deus"), uma publicitária devastada pela morte da mãe durante as festas natalinas. Incapaz de processar o luto e soterrada pelo excesso de trabalho, ela sofre um ataque de pânico que a leva a abandonar temporariamente Madri para refugiar-se em Lanzarote ao lado da amiga Patricia, enquanto o marido

Bonifacio permanece na capital espanhola.

A segunda linha narrativa acompanha Raúl Durán, cineasta e roteirista vivido pelo argentino Leonardo Sbaraglia ("Plata Quemada"), que mergulha numa crise criativa na qual realidade e ficção passam a se confundir. Sbaraglia já esteve com Almodóvar antes, em "Dor e Glória", de 2019, no papel do ex há muito sumido de um realizador colapsado - papel que rendeu a Antonio Banderas o troféu de Melhor Atuação da Croisette naquele ano.

El Deseo



## ENTREVISTA | BÉRENGER TOUIN

CINEASTA

Rodrigo Fonseca



“*Todo arquivo pode ser usado com subversão, com liberdade, desde que ele conte algo sobre o tempo. No meu caso, os arquivos falam sobre desejo*”

# ‘Respeito não é sinônimo de subserviência’

RODRIGO FONSECA Especial para o Correio da Manhã

**L**onge da competição pela Palma dourada, um misto de fabulação com bases da História e registros documentais virou uma das expressões poéticas de maior encantamento no 79. Festival de Cannes: “L’Âge d’Or”, do estreante Bérenger Thouin. Ele se apropria de arquivos de variadas ordens a fim de narrar a vida de Jeanne Lavaur, uma heroína da luta pelo empoderamento feminino que passou pela Europa sem entalhar seu nome na pedra da memória. Jeanne atravessa o século XX desafiando o próprio destino, desde a infância no açougue de seus pais até o sonho de se tornar condessa. De uma guerra a outra, da Paris dos Anos Loucos ao Brasil, seu caminho cruza a História e abraça o mundo, dividida entre seus dois amores: o conde Guillaume de Barante e a audaciosa revolucionária italiana Céleste.

Em seu primeiro longa, filmado em 2025, Thouin cria uma trança de beleza rara entre passado, permanência e presente. A inspirada Souheila Yacoub é sua estrela. Ela e o Tempo do Velho Mundo.

**O que um arquivo representa para o cinema?**

**Bérenger Thouin** - Um arquivo é uma metonímia de um tempo. Quando essa parte meto-

nímica é uma imagem, a tarefa de um cineasta é submetê-la a vetores contemporâneos para presentificar os seus sentidos.

**É difícil ver seu “L’Âge**

“*Um arquivo é uma metonímia de um tempo. Quando essa parte metonímica é uma imagem, a tarefa de um cineasta é submetê-la a vetores contemporâneos para presentificar os seus sentidos*”

**d’Or” sem lembrar de Woody Allen em “Zelig” (1983), ainda que seu filme não seja um mockumentary (falso documentário). A analogia vem do uso de imagens de arquivo. O que há desse cult em P&B de Allen no teu longa?**

“Zelig” é, sim, um primo distante. Na medida em que fala de um personagem que se adapta

ao ambiente, a se misturar com a História. A diferença é que ele não tem a consciência do século, ao contrário de Jeanne Lavaur. Todas as aspirações dela passam por um espaço íntimo paralelo à História. Eu tenho um real autêntico em imagens de época e tenho sentimentos que se ordenam com a ficção.

**Que disciplina o trato**

**com arquivos demanda?**

A mais importante é a certeza de que respeito não é um sinônimo de subserviência ou submissão. Respeitar um arquivo não te obriga a ser obediente a ele. Todo arquivo pode ser usado com subversão, com liberdade, desde que ele conte algo sobre o tempo. No meu caso, os arquivos falam sobre desejo.

**No cinema, em geral, ao se falar em arquivos, está a se falar de imagem. Mas e o som? Onde o som entra na dinâmica estética do arquivo?**

No caso deste meu filme, trata-se de deixar o barulho da vida se comunicar e se expressar. Eu uso arquivos mudos, sem som. Uso uma trilha sonora da vida que traga um senso de contemporaneidade a cada frame.

**No Brasil, um dos mais delicados do trabalho com arquivos é o custo. De que forma essa dinâmica se dá no seu cinema?**

Eu venho desenvolvendo trabalhos com arquivo desde os meus curtas. Há um contexto social que não pode ser ignorado no que há no entorno da criação de uma imagem. Esse contexto pode até afetar a imagem, ao questionar o ponto de vista absoluto em torno dela.

Hannah Carvalho/CinemaScópio

## AFFONSO NUNES

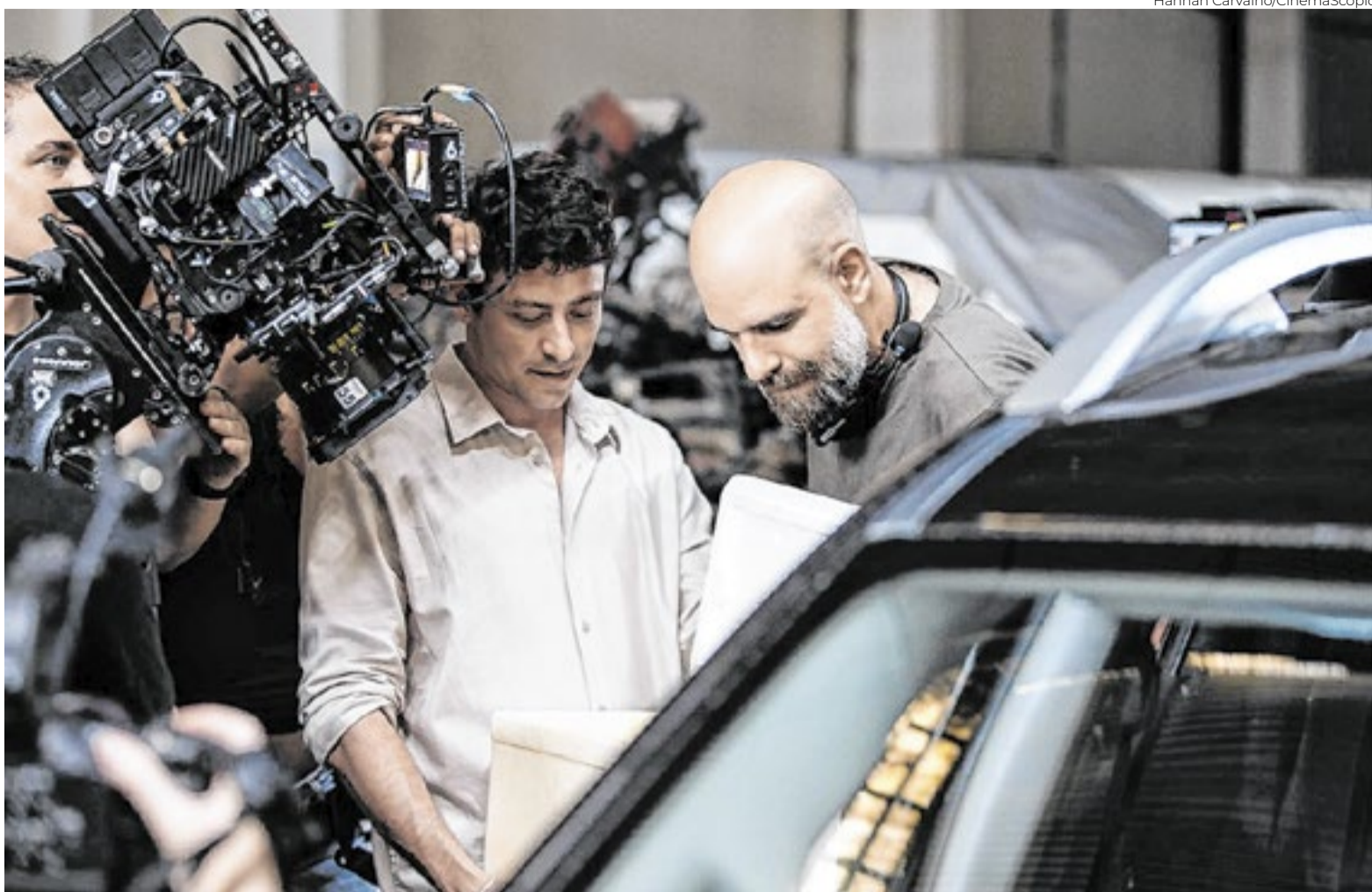
**C**omeçaram na última semana as filmagens de “Sábado Morto”, terceiro longa-metragem de Leonardo Lacca como diretor. O filme reafirma a política da CinemaScópio de investir em projetos de profissionais que trabalharam com Kleber Mendonça Filho — Lacca foi diretor assistente em “Bacurau” (2019, Prêmio do Júri em Cannes) e “O Agente Secreto” (2025, indicado a quatro Oscars), além de preparador de elenco em clássicos como “Aquarius”, “O Som ao Redor” e “Paterno”. A produção, assinada por Emilie Lesclaux e o próprio Lacca, será rodada entre Recife e a região de Arcoverde, no interior de Pernambuco, ao longo de cinco semanas.

No elenco, Jesuíta Barbosa — que protagonizou “Homem com H” (2025), cinebiografia de Ney Matogrosso dirigida por Esmir Filho — divide a tela com Malu Falangola. A trama acompanha Diogo, médico residente no Recife que retorna ao sertão pernambucano após anos afastado, motivado por um acontecimento inesperado na família. Ao lado da esposa, Aline, ele reencontra a mãe, Terezinha, determinada a exigir respostas sobre fatos recentes. Entre lembranças e desconfortos, segredos começam a emergir — estrutura que sugere um drama familiar focado em tensões domésticas e revelações.

O recifense Lacca trabalha há 20 anos como diretor, roteirista e preparador de elenco. Fundou a Trincheira Filmes em 2003 ao lado de Marcelo Loredello e Tião. O coletivo acumula participações em mais de 70 festivais internacionais e 120 edições de festivais nacionais. Seu primeiro longa, “Permanência” (2023), foi exibido e premiado em festivais nacionais e internacionais. O segundo, “Seu Cavalcanti” (docuficção lançada em setembro de 2025), marca sua exploração de formatos híbridos num exercício que reafirma sua voz autoral.

Em entrevista recente, o diretor expressou seu entusiasmo com a fase das gravações. “Estamos vivendo um processo muito intenso e bonito, e agora seguimos ainda mais empolgados para a próxima fase de filmagem no sertão pernambucano, onde grande parte da história acontece”, entusiasma-se o realizador.

Emilie Lesclaux, produtora francesa que fundou a CinemaScópio com Kleber Mendonça Filho, seu marido, em 2008. Ela acumula mais de 250 prêmios em sua carreira. Produziu os quatro longas de ficção de Mendonça Filho — “O Som ao Redor”, “Aquarius”, “Bacurau” e “O Agente Se-



Jesuíta Barbosa recebe orientações de Leonardo Lacca no set de ‘Sábado Morto’

# Os crias de Kleber em AÇÃO

“Estamos vivendo um processo muito intenso e bonito, e agora seguimos ainda mais empolgados para a próxima fase de filmagem no sertão pernambucano”

LEONARDO LACCA

Colaborador de longa data do realizador pernambucano, o recifense Leonardo Lacca inicia filmagens de ‘Sábado Morto’, seu terceiro longa, em coprodução com a CinemaScópio

Hannah Carvalho/CinemaScópio



Lacca e Emile Lesclaux durante as filmagens

creto” — além de filmes de outros diretores como Leonardo Sette, Tião, Nara Normande e Juliano Dornelles. A CinemaScópio posiciona-se como produtora independente pernambucana focada em cinema autoral, enquanto a Trincheira Filmes consolida-se como espaço de desenvolvimento de novos diretores.

A escolha de Pernambuco como locação — especificamente o sertão — é recorrente na filmografia de Lacca. E conecta “Sábado Morto” ao território que também marca a obra de Kleber Mendonça Filho. A equipe técnica inclui Luciana Baseggio na direção de fotografia, Dayse Barreto na direção de arte e Rita Azevedo no figurino. Mariana Jacob atua como diretora de produção. A conclusão das filmagens está prevista para o fim de junho.

AFFONSO NUNES

Quando a Corte Portuguesa desembarcou no Rio em 1808, trouxe consigo pianos e violões que logo se misturaram ao batuque, à modinha e ao lundu das ruas cariocas. Dessa fusão nasceu o choro, gênero que hoje completa mais de 150 anos como a raiz de toda música que o Rio produziria depois. Nesta terça-feira (19) o projeto Terças no Ipanema oferece um mergulho nessa história através do show “Choro Carioca: Música do Brasil”, com um elenco que reúne cinco dos principais intérpretes do gênero.

Luciana Rabello, Mauricio Carrilho, Cristovão Bastos, Aquiles Moraes e Magno Julio formam o quinteto que percorre composições de mestres como Chiquinha Gonzaga, Pixinguinha, Jacob do Bandolim, Radamés Gnattali, Dino 7 Cordas e Altamiro Carrilho. O roteiro segue uma lógica cronológica: começa nos ritmos que precederam o choro — lundu e polca — passa pelas rodas de diferentes épocas e chega ao choro contemporâneo, sempre acompanhado por projeções que mostram as transformações da cidade ao longo dos séculos.

O choro, no entanto, não é apenas um gênero musical. É um modo de fazer música, frequentemente improvisado e baseado na interação entre instrumentistas. Historicamente, nasceu nas rodas informais do Rio século XIX, onde músicos de diferentes origens sociais se reuniam para tocar. Sua sofisticação harmônica e melódica o diferencia de outros gêneros populares, e sua influência permeia o samba, a bossa nova e outras manifestações musicais brasileiras que vieram depois.

Fotografias raras dividem espaço com obras de Portinari e Debret, enquanto registros de Lima



Referência em seus instrumentos, Cristovão Bastos, Mauricio Carrilho, Luciana Rabello, Magno Julio e Aquiles Moraes passeiam por todas as fases do choro, desde suas origens no Rio colonial

# Do lundu ao choro

‘Choro Carioca: Música do Brasil’ reúne cinco instrumentistas de excelência em show que traça a trajetória do gênero desde a chegada da Corte Portuguesa

Barreto e Paulo César Pinheiro pontuam momentos do espetáculo. A ideia é deixar evidente, como defende Luciana Rabello — idealizadora do projeto — que “a his-

tória da cidade do Rio de Janeiro e do choro são indissociáveis”. “O público precisa compreender a grandeza dessa música, com a seriedade e a profundidade que o

choro merece”, comenta a instrumentista que, junto com Mauricio Carrilho, fundou a Casa do Choro, espaço na Rua da Carioca dedicado a shows do gênero e cur-

sos de formação musical.

A direção musical e os arranjos têm a assinatura de Mauricio Carrilho e Pedro Aragão e Zeca Ferreira assina a direção de imagem. O espetáculo é uma produção do Terças no Ipanema, projeto que desde janeiro de 2025 ocupa o palco do Teatro Municipal Ipanema Rubens Corrêa. Na primeira temporada, o projeto registrou 90% de ocupação ao longo de 50 apresentações, consolidando-se como uma iniciativa de retorno da música ao espaço histórico.

## SERVICO

### CHORO CARIOCA: MÚSICA DO BRASIL

Teatro Municipal Ipanema Rubens Corrêa (Rua Prudente de Moraes, 824, Ipanema) 19/5, às 20h | Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

# Palco aberto no Manouche

Jam session com Tori e Helena Peres reúne músicos cariocas em noite de improviso na casa do Jardim Botânico

O Manouche, clube de música no subsolo da Casa Camolese no Jardim Botânico, recebe nesta terça-feira (19) a terceira edição do JamNouche, um encontro que mistura shows de artistas da cena emergente com uma jam session de palco aberto. Tori, compositora e cantora de Aracaju radicada no Rio, e Helena Peres, cantora e compositora independente carioca, são as convidadas

da noite, que começa às 20h.

A proposta do JamNouche nasceu de uma lacuna observada pelos produtores Julia Breyer, Íris Silveira e Ian Travassos em parceria com a Bats Instrumentos: a falta de espaços aconchegantes onde músicos pudessem se reunir para improvisar, experimentar e criar conexões. A dinâmica do evento segue um formato consolidado em outros países



Tori: voz suave e letras que exploram o amor e a vida com delicadeza e sensibilidade

— um show de abertura seguido de uma jam session onde qualquer músico pode subir ao palco.

Tori, que lançou seu segundo

álbum “Areia e Voz” em 2025, é conhecida por sua abordagem lírica. Helena Peres, por sua vez, integra a cena independente carioca com trabalhos que mesclam MPB, R&B e soul. As duas serão âncoras da noite, aquecendo o palco para o que vem

depois: o improviso coletivo.

O formato da noite começa com o show de abertura das convidadas, que apresentam seus trabalhos autorais. Depois, o palco se abre para qualquer músico interessado em participar da jam session. Nas edições anteriores, o evento recebeu artistas como Lorena Moura (primeira edição) e Elize Fleury, Ian Travassos e Carol Maia (segunda edição). A ideia é que esses encontros funcionem como catalisadores para novas ideias, trocas criativas e descoberta de talentos emergentes na música carioca. (A. N.)

## SERVICO

### JAMNOUCHE - TORI E HELENA PERES

Manouche (Rua Jardim Botânico, 983 — subsolo da Casa Camolese) 19/5, às 20h | A partir de R\$ 35

## CRÍTICA DISCO | BRASUCA

POR AQUILES RIQUE REIS\*

**E**u me lembro que em 2023 escrevi sobre o álbum “Nós” do sexteto vocal Ordinarius, que então comemorava quinze anos de carreira. Na ocasião, imaginei o canto coral como a forma mais perfeita de ouvir música, gente cantando junto, as vozes abertas em harmonia, harmônicos e que tais – tudo de acordo com a frase atribuída a Heitor Villa-Lobos: o canto coral é a melhor maneira de praticar a democracia! Viva o cantar junto!

Pois bem, depois disso, em 2025, o Ordinarius gravou a primeira parte do projeto Brasuca, o EP Lado A e agora lança o EP Brasuca – Lado B. Uma mais do que merecida e democrática homenagem aos compositores brasileiros. Viva eles!

Vamos às seis do Lado B. “O Trem, o Tempo, o Menino” (Renato Frazão): acompanhado por leve instrumentação, um solo de voz feminina precede a vocalização. Logo rola um solo masculino sobre as vozes. A batera delicada embala o sentimento do cancionista mineiro.

“Do Contra” (Iso Fischer e Lucina): o ijexá vem com o cowbell marcando o tempo. A batera segura as pontas. Agora arritmo, marcado na palma das mãos, o vocal prossegue e incendia.

“Caminheiro” (Beto Lemos): a intro do maracatu entra com vocalises femininos, enquanto os homens seguram os graves. Afinados que só eles, tudo flui, tudo é bonito: um solo feminino e voltam os vocalises.

“Mão de Couro” (Joãozinho

# A vocalização extraordinária do Ordinarius

Bruno Braz/Divulgação



narius dá o seu entendimento pro balanço com a palma das mãos. E os tambores consagram os versos do poeta para o samba de roda: “Minha flor de alfazema tá num ciúme só/ Que hoje é domingo, mas eu fui sozinho pra feira do Cafundó”. Salve Hermínio!

*Em vez de mirar em nomes mais óbvios, no novo projeto do Ordinarius volta seu olhar para a criação contemporânea e para compositores de diferentes regiões do país*

Ouvi-los cantar é exercer o direito à beleza. Suas vozes se entrelaçam, tecendo um rico ambiente sonoro. Acalentando ouvidos carentes de harmonias, sem clichês e plenas de inusitadas soluções melódicas e rítmicas, tudo voa ao sabor do talento do Ordinarius. Ouça o álbum em <https://sl1nk.com/aglsp2j>

## Ficha técnica

Ordinarius é Antonia Medeiros, Augusto Ordine, Beatriz Coimbra, Fabiano Salek, Maíra Martins e Matias Correa. Arranjos e direção musical: Augusto Ordine; produção: Maíra Martins; mixagem: Matias Correa e David Brinkworth; masterização: David Brinkworth; capa: Daniel Gnattali.

\*Vocalista do MPB4 e escritor

Gomes e Val Milhomem): o marabaixo amapaense soa firme. O coro come solto. Solos masculinos se sucedem. As mãos sacodem os couros do tambor: “E adeus, brincadeira, eu vou, eu vou/ Vou batendo o meu

tambor, tum, tum, tum...”. Meu Deus, o refrão é contagiante!

“Sempre Tem Céu Azul (Matheus VK): a delicadeza afinada de uma voz feminina traz a linda canção. O ritmo, mais uma vez marca-

do pelo cowbell, carrega o suingue, enquanto o vocal cumpre seu papel com fervor.

“Num Ciúme Só (Vidal Assis e Hermínio Bello de Carvalho): o vocal aberto traz o samba. O Ordi-

## UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Isabela Espíndola/Divulgação



### Ao lado do compositor

Julie Wein acaba de lançar sua versão para “Trocando em Miúdos”, clássico da parceria entre Chico Buarque e Francis Hime, em dueto com o próprio Francis ao piano. A faixa antecipa o álbum “Piano e Canções” no qual a cantora, pianista e compositora dá uma pausa em seus trabalhos autorais. Também atriz e doutora em Neurociências, Julie retorna de turnê em Portugal para celebrar a tradição do piano popular. O álbum, com direção musical de Jorge Helder, traz releituras de Johnny Alf, Tom Jobim e Benito di Paula será lançado pela Biscoito Fino.

CM



### Nostalgia da Copa

Carlinhos Brown relança em versão remasterizada “Vibrazil Beats Celebration”, álbum lançado por ele em 2014 e que ultrapassou 70 mil plays. O percussionista, compositor, cantor e produtor baiano revisita a obra movido pelo sentimento de nostalgia em torno da realização de mais uma Copa do Mundo. Lançado pela Nas Nuvens/Candyall Music com distribuição Virgin Music Group, o projeto reafirma a força da música de Brown, um dos artistas mais respeitados da cena musical brasileira.

Divulgação



### Buscas sonoras

O músico e compositor Rodrigo Sha apresenta “O Que Move Você?”, composição que, para o instrumentista, reflete sua busca por inovação artística. A faixa, produzida com Van Nissenbaum, mescla eletrônico, afro-house e jazz brasileiro, com destaque para a flauta do artista. O título homenageia festival realizado em abril de 2026 na Cidade das Artes, onde Sha atuou como diretor musical ao lado de Alfredo Del Penho. A música incorpora samples vocais e gravações manipuladas que evocam a cultura africana.

# Tudo em prol da palavra

‘Aurora’ leva obra do cronista mineiro Paulo Mendes campos ao palcos cariocas em montagem experimental entrelaçada por diferentes linguagens artísticas

**D**epois de uma temporada bem-sucedida em São Paulo no final de 2025, o espetáculo “Aurora — Uma homenagem à obra de Paulo Mendes Campos” chega ao Rio. A montagem, que marca o lançamento da primeira produção teatral da Bailinho Produções, está em cartaz no Teatro Poeira, em Botafogo. A peça reúne Elisa Pinheiro, Gustavo Damasceno e Kadu Garcia em cena.

Idealizado, roteirizado e dirigido por Rodrigo Penna — produtor cultural conhecido por criar eventos como o Bailinho e o Projeto Ambiente, um sarau contemporâneo que existe há 25 anos — o

espetáculo é livremente inspirado na vida e na obra de Paulo Mendes Campos (1922-1991), um dos maiores cronistas da literatura brasileira. A consultoria de roteiro ficou a cargo de Adriana Falcão. O diretor conta que o projeto passou por mais de 40 versões ao longo dos anos, resultado de pesquisa intensiva e conversas com a consultora. “Quase um relicário esse espetáculo, uma caixinha de joias e pequenas ternuras do Paulo para o mundo”, descreve Penna.

A estrutura não segue o modelo dramático tradicional. Em vez de uma narrativa linear com personagens definidos, “Aurora” é uma série de cenas e sentimentos que retratam a trajetória do escritor mineiro. O roteiro costura crônicas inteiras, fragmentos, cartas e colunas de periódicos, tudo entrelaçado por diferentes linguagens: música, projeção e performance. Os atores contam, encenam e recriam no palco as palavras e crônicas do autor. “A montagem é uma dança entre diferentes linguagens e mídias, tudo em prol da palavra”, explica Penna. “Todos são Paulo Mendes Campos e, ao mesmo tempo, todas são também suas musas, os personagens, as cenas.”

A direção de arte e cenografia de Marcus Figueiroa traz referências modernistas, criando ambientes do universo do escritor — seus apartamentos em Copacabana, escritórios e janelas para o mundo. A videocenografia dos artistas Bê Leite e Rodri (TocaHub), com consultoria audiovisual de Batman



Elisa Pinheiro, Kadu Garcia e Gustavo Damasceno estão no elenco de ‘Aurora’

Zavareze, dialoga com o cenário. A trilha sonora, assinada por Rodrigo Penna, Chico Beltrão e Dani Roland, explora sonoridades pop. Os figurinos e direção de arte complementar são de Marie Salles.

Nascido em Belo Horizonte

em 1922, o cronista integrou uma geração histórica ao lado de Fernando Sabino, Rubem Braga, Otto Lara Resende e Carlos Drummond de Andrade. Sua escrita mistura poesia e prosa de forma única: simples na aparência, mas repleta de delicadeza, memória e reflexão. Livros como “O cego de Ipanema”, “Homenzinho na ventania” e “O amor acaba” exemplificam seu talento raro de transformar pequenas cenas da vida em literatura. Além de cronista e poeta, Mendes Campos foi tradutor de autores como Júlio Verne, Oscar Wilde, Jane Austen, Jorge Luis Borges, Shakespeare, Yeats, C. S. Lewis, Dickens, Flaubert, Maupassant e Neruda.

Rodrigo Penna presta ainda homenagem ao trabalho do ator e diretor carioca Aderbal Freire Filho (1941-2023), que desenvolveu uma pesquisa teatral chamada “romance-em-cena”. “Nós nos vemos como um filhote do ‘romance-em-cena’, celebrando a crônica em cena”, diz o diretor. Penna tem trajetória consolidada no teatro —

participou de novelas como “Top Model”, “Vamp” e “Paraíso Tropical”, além de séries como “Engraçadinha” e “JK”. Seu primeiro sucesso teatral foi aos 12 anos, com “Menino Maluquinho”. Dirigiu ainda “Mãe Coragem”, “O Ateneu” e “Espêndidos”, além de ter assinado a dramaturgia de “Eu nunca Disse que Prestava” em 2006.

A temporada no Rio marca um momento importante para a Bailinho Produções, que em 2026 celebra 20 anos da primeira edição da Festa Bailinho e dos eventos que surgiram dela — os “filhotes do Bailinho” — que continuam marcando presença na cena cultural carioca.

## SERVIÇO

**AURORA - UMA HOMENAGEM À OBRA DE PAULO MENDES CAMPOS**

Teatro Poeira (Rua São João Batista, 104, Botafogo)  
Até 24/6, às terças e quartas (20h) | Ingressos: R\$ 100 e R\$ 50 (meia)



Divulgação

Penna buscou referências em projeto de Aderbal Freire Filho

“*Todos são Paulo Mendes Campos e, ao mesmo tempo, todas são também suas musas, os personagens, as cenas*”

**RODRIGO PENNA**